

Licçõesinhas de Portuguez

(VILHENA ALVES.)

I

«TEEM» OU «TÊM» ?

Uns escrevem *-elles teem, elles veem*, etc:—e outros—*elles têm, elles vêm*.

Exemplos da primeira fôrma.

«. . . Porque a fuga não pôde deshonrar aquelles que mil vezes *teem* provado quanto desprezam a vida». (Alexandre Herculano.—*Eurico*.)

«*E teem* um filho, elles ? . . .» (Garrett.—*Drama. Frei Luiz de Souza*.)

«Por isso os dous maiores thesouros da humanidade *teem* sido e serão sempre a religião e a sciencia». (Latino Coelho.—*Elogio do barão de Humboldt*.)

«Os nomes que terminam em *a* . . . são do genero feminino; porque *proveem* geralmente dos latinços da 1.^a declinação que *teem* esta desinencia, e pertencem ao genero feminino». (Leoni—*Genio da lingua portugueza*.)

«Agora *deem-me* licença, que tenho de fazer quatro apresentações ao conde do Casal». (Camillo Castello Branco.—*Estrellas propicias*.)

«. . . Porque não *teem* as mesmas fôrmas, dimensões, côres, caracteres, etc.» (Monteiro Leite —*Subsidios para o estudo da lingua portugueza*.)

«Diogo de Mendonça, os francezes *teem* espias na côrte». (Rebello da Silva—*Mocidade de D. João V*.)

«Alguns d'estes adjectivos *teem* dupla forma . . .» (Pacheco da Silva Junior.—*Grammatica da lingua portugueza*, 2.^a edição.

Exemplos da segunda fôrma :

«Se os ouvintes ouvem uma cousa e *vêm* outra,

como se hão de converter»? (Padre Vieira. *Sermões*.)

«Conheçam quanto vai de tempo a tempo, e de fortuna a fortuna, e dêem muitas graças a Pharaó». (Id.—Ibid.)

«São oxytonos os que têm o accentto tonico na ultima syllaba». (Julio Ribeiro.—*Grammatica portugueza*, 3.^a ed.)

«... As primeiras têm o accentto na ultima syllaba». (João Ribeiro.—*Diccionario grammatical*.)

«As palavras consideradas insuladamente têm som, fôrma e sentido». (Alfredo Alexander.—*Analyse das relações*.)

«A syntaxe é de regencia ou de concordancia, por serem de determinação ou de conveniencia as relações que as palavras têm entre si». (Thomaz da Silva Brandão.—*Syntaxe e construcção da lingua portugueza*.)

«As lições que se seguem têm por fim suggerir alvitres para se exercerem os sentidos em casa». (Ruy Barbosa.—*Primeiras lições de coisas*, traducção.)

*
* *

Qual d'estas duas fôrmas é a correcta ?

Diremos que ambas o são. Os que escrevem—*têm, vêm*, etc.,—fundem os dois sons vogaes num só, pela crase: $e + e = ê$. Os que escrevem—*teem, veem*,—conservam a orthographia primitiva das vozes, as quaes eram representadas por letras geminadas quando longas. Para o provar, basta citar o seguinte exemplo de auctor antigo :

«... Se a Escriptura affirma que por o Rey nom fazer justiça *veem* as *tempestaades* e tribulaçoens sobre o *poovo*. . .» (Fernão Lopes—*Chronica de d'ei-rei D. Pedro I*.—Trecho citado por Sotero dos Reis nas suas *Postillas de grammatica geral*.)

Comtudo, nós preferiremos sempre a fôrma—*têm, vem*, etc.—porque parece-nos archaca a duplicação vocalica. Quem escreve—*teem, veem*,—deve ser cohe-

rente com as antigualhas, escrevendo—*seer*, *veendo jaa*, *soo* (*só*), *booa*, etc.

O melhor de tudo é usar de um *so—e—*, pondo sobre elle o accento circumflexo para indicar a crase.

O que, porem, é erro, e erro grosseiro, é usar ao mesmo tempo da vogal geminada e do accento circumflexo sobre a primeira : *têem*, *vêem*. Si a notação lexica é ahí uma indicação de crase, como é que duplica-se a vogal ? Si se duplica a vogal, que significação tem a notação lexica ?

Pois este erro commetteram nada menos que duas summidades litterarias : Roquette e Theophilo Braga.

Roquette escreveu : «As differenças *têem* igualmente muita relação com a disputa. . .» (*Diccionario de synonymos*.)

E Theophilo Braga : «. . . Porém aquelles que nada *lêem*, os que nunca conseguiram ler seis paginas da sua Historia . . .» (*As modernas idéas da litteratura portugueza*.)

Ou é de mais aquella chapeleta no primeiro *e*, ou é de mais o segundo *e*.

II

«PÉGADA» OU «PEGÁDA» ?

Muitos erram a prosodia d'este vocabulo, considerando-o dactylico ou proparoxytono, portanto com o accento tonico na antepenultima syllaba. Entretanto, é um vocabulo grave on paroxytono, cujo accento tonico, por consequente, recáe sobre a penúltima syllaba : *pégáda*.

Gonçalves Dias escreveu :

«Assim vou eu sem tino,— aqui *pegadas*
Mal firmes assentando»

Ora, está claro que, no primeiro verso, a syllaba

predominante da palavra *pegadas* é a penúltima—*ga*—e não a antepenúltima—*pe*—; do contrario ficaria o verso com uma syllaba metrica de menos.

Nem sempre o accento agudo indica a syllaba predominante, como se observa em *córado*, *prégador*, etc., que não são palavras esdruxulas, apesar de terem o accento agudo na antepenúltima syllaba : *córado*, *prégadôr*.

O erro notado provém justamente de a palavra *pégada*, ser escripta assim, com o accento agudo sobre o *e*; d'ahi concluíram que a syllaba *pé* é a tónica.

Pois não é. O accento da primeira syllaba de *pégada* indica somente que o—*é*—é aberto, por ser aquelle vocabulo derivado de *pé* : essa syllaba, porem, fica subordinada á segunda—*gá*—, que é a tónica.

Os lexicographos confirmam esta opiniã.

Aulete diz :

«PEGADA (pé-ghá-da, . . .)

E, Constancio :

«PEGADA . . . (pron. *pégáda*, o accento na penúltima...)»

III

COMPRIMENTAR

Muito correctamente enunciou-se uma das gazetas d'esta cidade quando, ao noticiar a chegada do sr. Governador do Estado, disse que um grande numero de pessoas o foram *comprimentar*.

Com effeito, melhor é *comprimentar* que *cumprimentar*, no sentido de saudar. *Comprimentar* deriva-se do latim *complector* (braçar, cingir, porque encerra a idéa de dar abraço); e significa cortejar, felicitar, etc. No francez, *complimenter*.

Veja-se o dictionario de Constancio, d'onde tambem extrahimos os seguintes exemplos : *Fui o compri-*

mentar por occasião do seu despacho, do seu casamento. Comprimentou-me da janella. Apenas me viu, veio cumprimentar-me.

D'ahi o substantivo *comprimentos*, no sentido de saudações.

É verdade que alguns dictionarios dão *cumprimento* com a mesma accepção; porem a etymologia, isto é, o estudo historico-comparativo do vocabulo, a isso se oppõe.

Diz-se tambem que escrevendo-se *comprimento* no sentido de saudação, este vocabulo confunde-se com o homographo *comprimento* (extensão).

Esta razão não prevalece, porque tambem escrevendo-se *cumprimento* (saudação), o vocabulo confunde-se com o homographo *cumprimento* (satisfação de promessa, execução pontual).

Dom Antonio de Macedo Costa escreveu :

«...Quando pôde presumir-se, pelo dia, que as visitas são todas de puro *comprimento*». (Compendio de civilidade, pag. 102.)

E Garrett: «As lagrimas das senhoras e o applauso dos homens fizeram justiça ao incomparavel merito dos actores, principalmente das damas, a quem sem a menor sombra de lisonja, nem sequer de *comprimento*, o auctor pode dizer que deve a mais apreciavel corôa litteraria que ainda recebeu».

IV

VIMOS DE NOTICIAR

Gallicismo puro, ou antes *impuro*, usado muito a miude por varios jornaes.

Deve dizer-se, por exemplo : Causou sensação o facto que acabamos de noticiar.

V

REUNIR

Temos visto muitas vezes usar impropriamente do verbo *reunir*, dizendo :

«A assembléa *reunirá* amanhã para este ou aquelle fim».

O verbo *reunir* é sempre transitivo, e pede, portanto, o respectivo objecto. Exemplo : Pedro reuniu os seus *amigos*. Reuniram-se os amigos de Pedro — João reuniu-se *a elles*.

Qual o objecto-directo do verbo *reunir* no exemplo acima ? Não existe. A assembléa reunirá o que ? Ninguém o sabe.

Aquella phrase é pois incorrecta, devendo ser substituida por outra em que appareça o objecto da acção :

«A assembléa reunir-se-á amanhã, etc».

VI

OBEDECER

Obedecer a autoridade— escreveu um almirante, em manifesto politico.

O verbo *obedecer* é transitivo-indirecto, e como tal pede objecto-indirecto.

Não se deve, pois, dizer—*obedecer a auctoridade*, —sim—*obedecer á auctoridade*.

O padre Vieira disse : «Mas quão poucas vezes *obedecem á razão* os impetos precipitados do alvedrio» ? (*Sermões*.)

VII

ARTILHARIA

Uns escrevem *artilharia* e outros *artilheria*.

Usam da primeira forma os que vão buscar a origem da palavra no latim (*artillaria*); e usam da segunda os que transplantam para vernaculo o termo francez *artillerie*.

Das duas origens, está claro que a primeira é mais segura.

O padre Vieira escreveu: «Quantos embarcados na não Vingança, com a *artilharia* abocada e os bo-tafogos acessos, corriam infunados a dar-se batalha etc». (*Sermões*.)

VIII

A

No manifesto de que já falámos vem :

«...o que reduziu a sua marcha *á* seis milhas.. »

O accento agudo é de mais, porque o—*a*—é sómente preposição e não contracção da preposição com o artigo. Se houvesse artigo, este não concordaria com *milhas*, que está no plural.

IX

FALLAR SU FALAR ?

Não ha razão para escrever *fallar* (com *l* geminado), pois a palavra vem do latim *fabulari*, em que ha um só *l*.

Já vi explicado —que o *b* de *fabulari*, na passagem do latim para o portuguez, transformou-se em *l*, e que d'ahi vem a duplicação d'esta letra. Ora isto não

podia dar-se, porque vai de encontro ás leis das alterações phoneticas, conhecidas por *leis da corrupção*.

Estas leis, segundo Monteiro Leite (*Subsidios para o estudo da lingua portugueza*), pódem reduzir-se a cinco :

1.^a Immutabilidade de letras iniciaes, mediaes e finaes, como *candela*, candeia.

2.^a Substituição de sons—geralmente dos fortes pelos brandos, como : *amicus*, amigo. (Mudança do som *kê*, forte, em *ghê*, brando.)

3.^a Desapparecimento total de sons, como: *magis*, mais. (Houve suppressão do som *gê*.)

4.^a Transmutação consonantal operada em letras que pertencem aos mesmos órgãos vocaes, como : *aurifex*, ourives. (Mudança do som *fê* em *vê*, ambos dento-labiaes.)

5.^a Transmutação entre consoantes que pertencem a órgãos diferentes, como *quinque*, cinco. (Mudança do som *kê* representado pelo grupo *qu*, em *sê* representado pela letra *c* : o primeiro guttural e o segundo lingual.)

Em nenhum d'estes casos se acha a tal mudança da letra *b* em *l*. E dizemos muito de industria, a *mudança da tetra* e não a *mudança do som* ; pois, operada a troca, o som do *l* desaparece, pronunciando-se sómente o *l* da ultima syllaba.

Comprehende-se a permutação dos sons fortes pelos brandos—*acutus*, agudo (*kê* em *ghê*),—á vista da lei do menor esforço; e mesmo dos sons brandos em fortes—*clavus*, cravo (*lê* em *rê*),—por causa da lei do reforço. Comprehende-se ainda a mudança de sons—quer pertençam aos mesmos órgãos vocaes, quer a órgãos diferentes. O que, porem, não se pôde admitir, é a troca de uma letra que em latim se pronuncia, por uma outra que em portuguez fica muda : *fabulari*—*fallar*.

Consequentemente, o que houve não foi permuta de sons, porque o som *bê* não achou correspondente

em portuguez. O que se deu, na passagem do vocabulo para a nossa lingua, foi pura e simplesmente a queda do *b* (havendo mais a syncope do *u* e a apócope do *i*) : *fabulari*—*falar*.

Alexandre Herculano usa d'èsta orthographia:

«Vêde—acrescentou sorrindo e *falando* com os guerreiros que o cercavam...»

E Monteiro Leite diz o seguinte, na obra acima citada :

«*Fabulari* deu *falar*, vocabulo que se escreve ERRADAMENTE com a duplicação consonantal *l* (*fallar*).»

X

FALAR COM... FALAR A...

Qual d'estas duas expressões é correcta ?

Responderemos que ambas.

Falar a... é abonado por Solano Constancio no seu dicionario : «*Falar a alguém*, dirigir-lhe a palavra ; *falar ao entendimento*, procurar convencer com razões».

Falar com... é usado por Alexandre Herculano e pelo padre Antonio Vieira.

Escreveu Herculano : «...sorrindo e *falando com* os guerreiros...»

E Vieira : «Vós, diz Christo Senhor nosso *falanda com* os prégadores, sois o sal da terra».

XI

OBJECTIVO

Como se deve pronunciar esta palavra ? *Objektivo* ou *objetivo* ?

Objetivo, sem duvida, do mesmo modo que—*objecto*—se diz objeto, ficando mudo o *c*, e não *objekto*.

Esse *c*, que em latim se pronuncia em *objectus* e *objectare*, fica mudo em portuguez.

XII

CHAMAR

Quando o objecto-directo do verbo *chamar* é um pronome da terceira pessoa, seguindo-se-lhe um complementivo,—o mesmo objecto é representado pela variação pronominal *lhe* em lugar de *o*. Eyemplos :

«... E *chama-lhes* sal da terra...» (Vieira.)

«E Platão... *lhes chama* divinos interpretes dos deuses». (Rodrigues Lobo.)

«Somno embora *lhe chamaria*...» (Garrett.)

«Ali nasce uma flor azul; *chamam-lhe* a flôr da alma maldita.» (Luiz Guimarães Junior.)

«*Chama-lhe* progresso quem do exterminio secular se ufana». (G. Dias.)

Chamem-lhe o forasteiro, é quanto basta». (G. Dias.)

XIII

AMÁ-LO, EI-LO, FÊ-LO,—OU AMAL-O, EIL-O, FÊL-O?

Os que escrevem do primeiro modo dizem que *lo*, *la*, *los*, *las*, é a forma antiga do articular *o*, *a*, *os*, *as*, tendo-se dado a mudança do *r*, *s* e *z* em *l* por assimilação, havendo depois a apócope d'este *l*. Exemplos :

Entender-la (forma primitiva)—*entendel la* por assimilação—*entendê-la* (pela apócope do primeiro *l*).

Eis-lo (forma primitiva)—*eil-lo* (por assimilação)—*ei-lo* (pela apócope do primeiro *l*).

Diz-lo (forma primitiva)—*dil-lo* por assimilação—*dí-lo* (por apócope do primeiro *l*).

D'este modo pensam, entre outros, os distinctos grammaticos Epiphanio Dias e Grivet, assim como os seguintes auctores classicos:

Garrett: «Preze ou não, deve *ouvi-la...*»—«A minha gloria *pu-la* em teu coração».—«*Salvá-lo* em quanto é tempo!»—«*Ei-lo*, senhor, o livro».

Padre Vieira: «E se quereis uma medida certa da egualdade, eu *vo-la* darei...»—«*Fê-lo* assim Tobias...»

Rabello da Silva: *mostrá-lo* a pagar á sua custa a divida honrada de um reino inteiro...»

Alexandre Herculano: «Por que voltastes sem *vo-lo* eu ordenar...?»—«...poderam *ergue los* do chão onde jaziam...»—«Juraram-no: hãc de *cumpri-lo*».

Os que escrevem do segundo modo (*amál-o, eil-o, fel-o*, não fazem conta com o antigo *lo, la*, e dizem que, nas fórmãs em questão, houve apenas a mudança do *r, s* e *z* em *l* por paragrammatise. Pensam assim Julio Ribeiro, Condurú, Bento d'Oliveira, Costa e Cunha etc.

Da forma—*eil-o, amál-o, fel-o*—usam, entre outros, os seguintes escriptores:

Camillo Castello Branco: «...se o leitor me desse ares de sua complacencia em *ouvil-o*».

Theophilo Braga: «... e *eil-o* a vender á Academia, por alguns contos de réis, a propriedade dos apontamentos informes... vem á imprensa sustentar a doutrina do casamento civil e justificar-se por tel a introduzido no codigo...»

Delphim Maya: «... pois que *empregal-as* pôde justificar-se por harmonia imitativa...»

Ambas estas opiniões são bem fundamentadas, e têm a seu favor, como acabamos de ver, a auctoridade de grammaticos e escriptores de primeira plana.

Comtudo, nós proferiremos sempre a ultima, escrevendo *amál-o, eil-o, fel-o*, etc., não só porque é de mais facil explicação, como tambem por ser de uso mais geral.

Não diremos, porem, que erram os que escrevem *amá-lo, ei-lo, fê-lo*.

O que censuraremos sempre é a falta de uniformidade orthographica, escrevendo-se ora de um modo, ora de outro.

XIV

GRÁUS DE ADVERBIOS

Sendo o adverbio uma palavra invariavel, não devêra ter grâus: tem no contudo, excepcionalmente, quando se fala com emphase, ou em estylo familiar.

Exemplos:

«Moro *pertinho* d'aqui».

Chegou pela manhã *cedinho*.

«Andava *devagarinho*».

«Apresentou-se hoje *mais cedo* ou *mais tarde* que hontem».

«Falou *muitissimo* sobre o assumpto».

«Chegou-se *o mais perto* possivel do seu interlocutor».

«Em um dos angulos do aposento, *o mais longe* possivel d'elle, o visitador, calado e melancolico, assistia a esta scena...»(Rabello da Silva.)

«Nós já não somos, e estamos *longissimo* de ser, a ultima nação do mundo, por honra nossa o digamos; mas devemos e queremos ser das primeiras!» (Thomaz Ribeiro.— Artigo sobre o tricentenário de Camões.)

Cumpre notâr que, neste caso, o suffixo *inho* não é diminutivo, sim superlativo da circumstancia expressa pelo adverbio.

Assim, *pertinho* significa *muito perto*; *cedinho*, *muito cedo*; *devagarinho*, *muito devagar*.

XV

«N»—LETRA EUPHONICA

Quando o objecto directo é o pronome *o*, *a*, e está posposto a um verbo com flexão nasal,—antepõe-se ao dito pronome a letra euphonica *n*, para evitar hiato; exemplo: *Deixaram-no*, *quizessem-no*, *castiguem-na*.

Isto, porem, somente quando o pronome está no singular, pois estando no plural haveria confusão de accpções. Assim, em—*deixaram-nos*— não podemos

saber se aquelle *nos* é caso do pronome *nós* (*deixaram a nós*), ou se é a junção da euphonica *n* ao pronome os da 3ª pessoa (*deixaram-nos —deixaram a elles*).

Para evitar esta confusão, muitos usam do viraccento : *castiguem-n'o, castiguem-n'os*. Mas o viraccento indica a suppressão de vogal, e ahí nenhuma vogal é supprimida. Essa notação é, portanto, um contrasenso, como o —*n'isto, n'isso*.

D. Antonio de Macedo Costa punha o *n* entre dous hyphens: *deixaram-n-o, deixaram n-os*. Antes isto do que o tal viraccento.

O melhor de tudo será seguir a regra de José Alexandre Passos (*Diccionario grammatical*).

Escreva-se *deixaram-no* com a letra euphonica estando o pronome no singular, porque não pôde haver equívoco; e estando o pronome no plural, façamol-o preceder o verbo, mas sem a letra euphonica; exemplo: *Quasi os deixaram mortos*.

O emprego do *n* junto ao pronome, quando este precede o verbo, é archaísmo. A expressão — *não na estima*, — de que usou Camões, está hoje condemnada.

Exemplo do uso incorrecto do viraccento :

« *Levaram-n'o* ahí de donde?... de Africa? » (Garrett.)

Exemplos correctos :

« A dôr mais tremenda do espirito *quebrantam-na* e *entorpecem-na* as lagrimas. (Alexandre Herculano.)

« *Seguiam-na* alguns pagens desarmados ». (Idem.)

« Os homens *lançaram-no* ao mar. » (Padre Vieira.)

« *Comem-no* os herdeiros, *comem-no* os legatarios, *comem-no* os acredores, etc. » (Idem.)

XVI

DENTRO DE... DENTRO EM...

Ambas estas locuções são abonadas por Solano Constancio e usadas pelos mestres da lingua.

O padre Vieira escreveu :

«... mas sempre *dentro do* mesmo seculo»...

—«O mar... pôde sustentar grande parte dos que vivem *dentro nelle* ..» —«... em que todos viveram juntos *dentro na arca*...»

XVII

EM ALTAS VOZES... A ALTAS VOZES...

A primeira expressão é a mais geralmente usada; entretanto, a segunda é correcta e tem por si a auctoridade do padre Vieira :

«Deixa as praças, vai-se ás praias, deixa a terra, vai-se ao mar, e começa a dizer *a altas vozes*...»

XVIII

INCORRER

O verbo *incorrer* pôde ser transitivo indirecto, e tambem transitivo directo.

Como transitivo indirecto: «*Incorrer em desagrado, incorrer nas penas da lei*».

Como transitivo directo, significa *attrahir sobre si* (Constancio, *Dicionario*); exemplos :

« E quiz mostrar o Senhor que as penas que São Pedro e seus successores fulminam contra os homens, tambem os peixes por seu modo *as incorrem*...» (Padre Vieira). —Isto é : *as attraem sobre si*.

« E posto que os homens *incorrem a morte eterna*...» (Idem) Isto é: *attraem sobre si a morte eterna*.

XIX

CONTENTAR-SE

O verbo pronominal *contentar-se* é sempre bi-transitivo, e o seu objecto indirecto é, em todos os

casos, regido da preposição *com* ou *de*; exemplos. «Contentou-se com o que lhe deram, contentou-se com fazer um signal, contentar-se de si».

Exemplo de D. Antonio de Macedo Costa: «Neste caso deverás *contentar-te de* perguntar pela sua saúde...»

«Exemplo do padre Antonio Vieira: «*contente-se* cada um *com* o seu elemento.»—«Os que semêam sem sahir são os que *se contentam com* prégar na patria.»

Entretanto, quando o objecto indirecto é uma oração infinitiva, como em—*contentemo-nos com* receber isto,—costumam alguns usar da preposição *em*—*contentemo-nos em* receber isto.

Ha aqui um erro de regencia, que cumpre evitar.

XX

«SENHÔRA» OU «SENHÓRA»?

Entendemos que se deve pronunciar *senhõra*, como se pronuncia *cantõra*, *professõra*, *auctõra*, *escriptora*, etc.

Parece-nos que a *senhóra* dos brancos é termo tão incorrecto como a *senhára* dos pretos.



A imperatriz

Corda que estala em harpa mal tangida,
Assim te vaes, ó doce companheira
Da fortuna e do exilio, verdadeira
Metade de minha alma entristecida!

De augusto e velho tronco hastea partida
E transplantada á terra brasileira,
Lá te fizeste a sombra hospitaleira,
Em que todo infortunio achou guarida.

Feriu-te a ingratidão no seu delirio ;
Cahiste, e eu fico a sós, neste abandono,
Do teu sepulchro vacilante cyrio !

Como foste feliz! dorme o teu somno . . .
Mãe do povo, acabou-se-te o martyrio ;
Filha de reis, ganhaste um grande throno !

D. PEDRO DE ALCANTARA.



DISCURSO

Recitado pelo professor Raymundo Trindade

EXMAS. SENHORAS

MEUS SENHORES

Um rasgo de inexcedível gentileza, só justificado pela extrema bondade dos generosos incorporadores da associação que se vae inaugurar, alvejou a minha obscura individualidade, na escolha do órgão que, por elles collocado onde me vêdes, devia patentear-vos as razões da fundação d'este gremio e de sua acolhida sob a égide de *Ernesto Mattoso*.

Posto que seja por indole e até por temperamento avêssio a servir de interprete de alheios sentimentos, pela razão mui natural de, com difficuldade, conseguir interpretar os meus, abri esta excepção, se bem que ousadamente, pensando assim corresponder a tão desvanecedor encargo, certo, todavia, da consequente indulgencia que não me haverão de recusar os meus bondosos mandatarios.

Em todas as épochas, desde que a civilisação se impoz no seio dos povos como elemento primordial de sua inilludível grandeza, sempre tiveram as aggremações constituidas sob qualquer motivo, o meritorio escôpo de dilatar o circulo das relações sociaes e tornar mais estreitos os vinculos da mutua affeição cultivada entre os individuos.

Dignas por tal modo, dos applausos e louvores do publico, são todas ellas.

Si litterarias e scientificas, representam uma grande promessa de futuros sustentaculos do paiz, que pela tribuna ou pela imprensa hão de surgir, tornando publicas as opalencias e as necessidades da Patria; pugnando ardorosamente pela sua integridade;

apontando a seus filhos os umbraes a transpôr para a gloriosa conquista dos mais alevantados ideaes modernos; levando, emfim, por seguro caminho, escudados na crúa certeza implantada pela sciencia, o grande préstito das instituições legaes mantenedoras da estabilidade do regimen triumphante.

Si beneficentes, a propria estymologia do termo nol-o diz.

Dispensam referencias, e encomios ou elogios os seus humanitarios fins.

Si politicas, congregam elementos para os difficeis e intrincados problemas requeridos pela organização dos pleitos, por cuja fóz surdem os depositarios da confiança do eleitorado nos vários departamentos da publica administração.

Si recreativas, emfim, estuam de gaudio hilariante nas alacres expansões do entusiasmo, que pela propria sequencia natural das cousas devem advir como armisticios abertos no fragor da incessante lucta pela vida, ou sejam oásis de jubilo brotados no immenso deserto das amarguras e vicissitudes a que vive abroquellado o eterno gladiador da existencia—o homem.

São as poucas treguas concedidas pelo trabalho, esses fugaces parenthesis de prazer que disfructamos no seio de nossa vida recreativa.

A esta ultima classe pertence a associação
Ernesto Mattoso.

Fundaram alguns moços operarios da nossa grande escola profissional que se chama-o instituto Lauro Sodré, e á qual não têm conta os desvellados carinhos dispensados pelo benemerito homem, que pela sua robusta enfibertura de estadista, fez jús á sua re eleição no elevado posto de superintendente dos multiplos ramos da administração do Pará.

Sob aquelle vasto tecto, onde centenas de desprotegidos se preparam para os formidaveis prélios de amanhã, ruflam as azas nimbadadas do bem que

paternalmente é distribuido por todos esses orphãos—inhos cujo unico almejo é serem restituídos á mesma sociedade d'onde partiram, cheios de coragem e de valor só ambicionados legitimamente por aquelles que querem ser bons e que querem ser dignos.

E para esse *desideratum* feliz, empenha toda a grande bondade de sua alma essencialmente carinhosa e amiga o excellenté cidadão a cujas competencias e dedicação, foi em abençoado instanté, confiada a direcção de tão proficuo educadario— o sr. dr. Ernesto Mattoso.

Mais que director, mais que amigo, verdadeiro pae é o que elle é d'esse turbilhão de *filhos adoptivos*, que são quantos para alli vão, arrancados do beiral do abysmo onde os precipitaria a visão do crime, para enveredar pela estrada do dever e da dignidade.

D'esse inconfundível testemunho de affecto, prodigamente consagrado a seus alumnos, nasceu a justa homenagem que a tão desvellado amigo rendem hoje os operarios d'essa casa de instrucção, os quaes, como aprendizes que já foram tambem, só guardam affeições enraigadas e saudades impereciveis de seu tempo de educandos.

É, pois, um preito de gratidão e amizade ao nome de Ernesto Mattoso a inauguração da sociedade a que me acabo de referir.

As minhas felicitações ao seu illustre patrono e aos seus jovens fundadores e associados.

